

Do Sínodo dos Bispos aos caminhos da fé da Igreja em Portugal

António Couto*

Introdução: o Sínodo em três andamentos

Na XIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, que decorreu em Roma entre os dias 7 e 28 de outubro passado, esteve em estudo e discussão a importante temática da «Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã». Articulamos esta reflexão sobre o Sínodo em três andamentos, que correspondem às três semanas em que se desenrolaram os trabalhos. Depois de cada andamento, apresentaremos as principais linhas de força ou *guidelines*, que ajudam a reter e salientar o essencial. Abordaremos depois, num quarto andamento, a forma como a torrente do Sínodo pode ajudar a Igreja em Portugal a trilhar novos caminhos. Neste quarto andamento, contaremos também com o envolvimento do Ano da Fé, da celebração dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, da preparação da celebração do centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima. Teremos igualmente presentes os resultados da grande auscultação ao Povo de Deus desencadeada pelos bispos de Portugal

* Bispo de Lamego. Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

no seguimento da última Visita *ad limina Apostolorum*, bem como os resultados do Inquérito sobre Identidades Religiosas em Portugal, levado a cabo pela Universidade Católica em 2011 e 2012.

1. Primeiro andamento: «Cristo tem em tudo o primeiro lugar» (Cl 1,18): transparência e arrependimento

Na sua edição de 15-16 de outubro de 2012, *L'Osservatore Romano* publicava na sua primeira página uma análise, a meu ver, bem conseguida da primeira semana de trabalhos do Sínodo (7-13 de outubro).

Escreveu o articulista: «A nova evangelização é entendida pelo Papa como orientada principalmente para as pessoas batizadas que se afastaram da Igreja e vivem sem qualquer referência à prática cristã. Quer isto dizer que é preciso um projeto para revitalizar a fé nos países de antiga tradição cristã sem renunciar ao anúncio do Evangelho àqueles que ainda não conhecem Cristo. Nesta tarefa, a Igreja não é chamada tanto a fazer, a estruturar-se em modelos sociológicos mais eficazes, mas sobretudo a dar a conhecer o que Deus fez, e, portanto, antes de mais, a rezar. A oração é, na verdade, a condição indispensável para abrir neste mundo, quase como em linha direta, um novo Pentecostes, de modo a podermos compreender para onde quer Deus conduzir a sua Igreja».

E, no parágrafo seguinte, o articulista condensava assim o essencial da homilia do Papa na celebração inaugural do Sínodo: «Diante dos padres sinodais reunidos na celebração solene de abertura, Bento XVI adiantou que a única perspetiva de sucesso dos trabalhos é fixar o olhar no Senhor Jesus».

Dois parágrafos adiante, o articulista, passando em revista as intervenções havidas no decurso da primeira semana, escreve assim: «Nas intervenções [até agora feitas], não são perceptíveis restos de triunfalismo [...]» Acentuou-se, antes, que «a primeira responsabilidade no esmorecimento da fé nos países de antiga cristandade se fica a dever sobretudo à responsabilidade dos próprios cristãos, debilitados no testemunho, porque menos conhecedores e menos convictos do anúncio». E continua no parágrafo seguinte: «Muitíssimas intervenções registadas na primeira semana de trabalhos acentuam a urgência de reconhecer a Jesus Cristo o primeiro lugar na vida ordinária das comunidades cristãs, ao mesmo tempo que vem ao de cima o sentido de arrependimento pelas omissões e pelas culpas individuais e coletivas que contribuíram para enevoar a fé cristã».

Já quase no final do seu artigo, o articulista destaca «algumas imagens sugestivas usadas na aula sinodal para tornar a nova evangelização moderna e eficaz: a fé compreendida como estilo de vida que nos torna próximos dos outros [...]; partir outra vez de Jerusalém, onde a primeira comunidade cristã

se vinculou de tal modo a Cristo, que estava disposta a enfrentar qualquer sacrifício até ao dom da própria vida».

Guidelines: 1) A nova evangelização é uma tarefa envolvente: tem como objetivo revitalizar a fé nos países de antiga tradição cristã, sem, todavia, renunciar ao anúncio do Evangelho àqueles que ainda não conhecem Cristo. 2) A tarefa da Igreja na nova evangelização não é tanto fazer, organizando para isso modelos mais eficazes; é sobretudo a transparência: dar a conhecer o que Deus fez e faz; numa palavra: rezar. Só assim podemos compreender para onde quer Deus conduzir a sua Igreja. 3) Atitude fundamental: fixar o olhar no Senhor Jesus. 4) Foi o nosso frágil testemunho associado à quase ausência do anúncio que levou ao esmorecimento da fé nos países de antiga cristandade. 5) Outra importante atitude a adotar: o sentido de arrependimento pelas nossas omissões. 6) A fé compreendida como um estilo de vida que nos torna próximos dos outros. 7) Partir outra vez de Jerusalém, a comunidade jovem, leve e bela, assente em quatro colunas: o ensinamento dos Apóstolos, a fração do pão, a comunhão e a oração (2,42-47; 4,32-35; 5,12-15).

2. Segundo andamento: «Cristo, único fundamento posto para sempre» (1 Cor 3,11)

No final da segunda semana (14-20), um dos presidentes delegados do Sínodo, o Cardeal John Tong Hon, Arcebispo de Hong Kong, resumia assim, em conferência de imprensa, os trabalhos do Sínodo: «Dos trabalhos do Sínodo está a sair um quadro completo e útil da realidade da evangelização no mundo "com Cristo no centro, nossa prioridade absoluta"» (*L'Osservatore Romano*, 19 de outubro de 2012, primeira página).

Na edição de 20 de outubro de 2012, também na primeira página, *L'Osservatore Romano* publicava umas palavras sugestivas proferidas por Bento XVI numa sua recente visita aos monges da Cartuxa de Serra São Bruno, na Calábria, à mistura com as palavras que um jovem monge cartuxo publicou num livro intitulado *Sentieri del deserto*, Rubbettino – Certosa, 2001, descrevendo a sua experiência de vida na Cartuxa. Confessa o jovem monge que, ao entrar na Cartuxa, pensava que iria subir altas montanhas espirituais, vindo, porém, a constatar que deu por si a descer vales e abismos, «fazendo um caminho paradoxal que se sobe descendo» (p. 24). Confessou igualmente que foi levado a compreender que o tesouro do Evangelho não se rouba nem se compra (p. 24). Para o obter, a palavra-chave é "vender". "Vender", não apenas os

bens materiais, mas também a parte mais obstinada do nosso "eu". Se revisito os lugares concretos desta "compra-venda", continua o monge, consigo reconhecer com clareza três (p. 25): fragilidade, inutilidade, pobreza. E continua o monge: «vendi aquela parte de autossatisfação que me restava, e comprei uma fragilidade ilimitada. Mas, precisamente lá no fundo, encontrei a misericórdia infinita de Deus», que é «o seu modo mais extraordinário de amar a humanidade, que se revelou uma vez por todas em Jesus, feito dom sobre a cruz por mim» (p. 25). E ainda: «Vendi o sentimento de me julgar indispensável, e comprei a minha inutilidade», olhando para a Cruz na qual «Jesus já não era útil a ninguém, mas nos estava a salvar a todos» (p. 26). E finalmente, conclui o monge, «vendi as minhas certezas fáceis, e comprei a minha pobreza com o grito de esperança que ela arrasta consigo» (p. 26).

Na sua intervenção na aula sinodal, ocorrida no dia 16 de outubro, o Prof. José Prado Flores, Fundador e Diretor Internacional das Escolas de Evangelização Santo André (México), apontou ao essencial e comparou a peregrinação da nossa Igreja de hoje à peregrinação de Maria, José e Jesus ao Templo de Jerusalém, narrada em Lucas 2,41-50. Maria e José perderam Jesus em Jerusalém. Coisa semelhante pode estar a acontecer na Igreja de hoje: na verdade, pode parecer que perdemos Jesus, ainda que possamos ostentar muitas coisas, burocracias e metodologias. Mas o pedido das pessoas continua a ser claro: «Nós queremos ver quem é (*ideîn*) Jesus» (João 12,21).

Na sua Homilia do domingo, 21 de outubro, Dia Missionário Mundial, o Papa proferiu outra vez palavras certas quanto ao estilo do evangelizador. Disse: «A Palavra de Deus, que escutámos (...), mostra o estilo do evangelizador, chamado a testemunhar e anunciar a mensagem cristã, conformando-se a Jesus Cristo, seguindo a mesma vida. Isto vale quer para a missão *ad gentes*, quer para a nova evangelização nas regiões de antiga cristandade» (*L'Osservatore Romano*, 22-23 de outubro, de 2012, p. 8).

Guidelines: 1) Jesus Cristo no centro. 2) Não podemos perder Jesus; se o perdemos, e se até já o trocámos por modernas metodologias..., temos mesmo de ir à procura dele: só Ele é indispensável, e é Ele quem as pessoas nos pedem. 3) O estilo de vida do cristão passa pelo estilo de vida de Jesus, que temos de adotar e até comprar, vendendo, para o efeito, todas as nossas importâncias. Para adotar, comprar ou viver este estilo, torna-se necessário expormo-nos àquela rajada de verbos que nos atravessam e nos transformam: «Vai, vende, dá, vem e segue-me» (Mateus 19,21, Marcos 10,21) e àquela rajada de adjetivos que definem o estilo de vida de Jesus: pobre, humilde, despojado, feliz, apaixonado, ousado, próximo e dedicado. 4) Uma Igreja comovida, com um património comovido.

3. Terceiro andamento: moldar a vida pelo Evangelho; Evangelizar sem andaimes

Na sua edição de 27 de outubro de 2012, *L'Osservatore Romano* publicava na sua primeira página esta bela síntese do Sínodo e da Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus: «O Sínodo lança um projeto concreto para a nova evangelização. Com um ponto firme: "A fé decide-se na relação que instauramos com a pessoa de Jesus", e para testemunhar esta realidade é necessário aproximar-se da vida das pessoas de hoje, sem ter de "inventar novas estratégias" (Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* [1975], n.º 41), porque o Evangelho não é "um produto" para colocar no mercado das religiões».

Atravessa a mensagem ao Povo de Deus, aprovada por aclamação na manhã do dia 26, como fio condutor, o quadro da mulher da Samaria procurada e encontrada por Jesus à beira do poço (João 4), para sugerir que também «a Igreja sente o dever de se sentar junto dos homens e mulheres deste tempo para tornar presente o Senhor nas suas vidas». [...] Os padres sinodais pensam "a comunidade acolhedora, em que todos os marginalizados encontrem a sua casa, em experiências concretas de comunhão". Em suma, "trata-se de tornar acessíveis experiências de Igreja, multiplicar os poços aonde enviar os homens e as mulheres sedentos, e levá-los a encontrar ali Jesus, oferecer oásis nos desertos da vida". Mas a missão de evangelizar o mundo começa pela Igreja com um forte apelo à conversão. A começar por si mesma».

O teólogo Pierangelo Sequeri, um dos peritos presentes no Sínodo, publicou na segunda página do *Avvenire* de 30 de outubro de 2012, os principais apontamentos do seu bloco-notas.

Em primeiro lugar, escreve ele, vi uma Igreja a trabalhar com alegria, o que me deixou comovido e encantado.

Em segundo lugar, vi uma Igreja a trabalhar duramente para encontrar as palavras certas, os gestos certos, o Espírito, para fazer viver a transmissão da fé. A fé como deve ser, a fé como sempre foi desde o princípio. Por outras palavras, a fé como oferta, quase «de mão em mão», única riqueza que não podemos perder. Único tesouro. Que se transmite com as mãos em concha, com temor e tremor, para não se perder uma gota, como a água no deserto. Uma água que não se deve engarrafar nem esconder em nenhum refúgio da história, onde acabaríamos por não a encontrar nem sequer nós mesmos. A fé sequestrada em odres velhos perde-se nos mil buracos da história. Os Padres Sinodais deram-me a sensação nítida de saber exatamente isto: se não retomamos a iniciativa de abrir nascentes, os espíritos corrosivos do tempo

inquinarão as cisternas dos nossos medos, das nossas obstinações, das nossas cidades fortificadas. E sabem também que devemos trabalhar seriamente para encontrar as palavras certas, os gestos adequados, o espírito ardente que serve. Porque os mornos, como a Igreja de Laodiceia, iludem-se, e preparam o tempo no qual a fé de muitos esfria, sem sequer saber porquê. Também senti isto: a Igreja destes Padres do Sínodo não se deixa impressionar pela secularização, e quer ser sal da terra.

Em terceiro lugar, vi uma Igreja que sabe muito bem que não está à altura desta imensa tarefa. E precisamente por isso, quer tornar-se no mundo mais transparente e direta, uma Igreja que quer que todos vejam QUEM a chamou para esta tarefa imensa. E QUEM é esse no qual pôs toda a sua fé, a sua esperança, a sua afeição irrevogável e operosa, o seu fundamento perene, ou seja, Jesus Cristo. Alguém resumiu isto assim: o Sacramento da Penitência e da Reconciliação, referido em primeiro lugar à Igreja, é o Sacramento-chave da nova evangelização. A missão da Igreja Católica para os tempos novos recomeça daqui. Do trabalho tenaz e desinteressado da própria purificação. Da luta apaixonada e humilde, não retórica, contra o inquinamento das próprias águas. A Igreja começou no meio das casas, e não foi por acaso. Para o meio das casas deve regressar. E é este o caso sério da nova evangelização. Nenhuma euforia. Nenhuma diplomacia.

Guidelines: 1) Decisiva é a relação que instauramos com a pessoa de Jesus. 2) As estratégias podem atrapalhar: o Evangelho não é um produto para fazer vingar no mercado. 3) Decisivo é também que a Igreja se sente com tempo com as pessoas. 4) É preciso construir poços, desenhar oásis, alimentar as pessoas. 5) A nossa vida eclesial tem de ser transparente, até deixar ver bem AQUELE em quem pomos a nossa fé e a nossa esperança. 6) O lugar-chave do Sacramento da Reconciliação.

4. Quarto andamento: caminhos da fé da Igreja em Portugal

De modo semelhante às águas revitalizadoras que saem do Santuário e dão vida nova a tudo por onde passam (Ezequiel 47,1-12), assim também a torrente do Sínodo pode e deve fecundar e ajudar a revitalizar os caminhos da Igreja em Portugal. Esta necessidade tem-se feito sentir, de resto, desde a última Visita *ad limina Apostolorum*, levando os bispos de Portugal a decidir promover um amplo movimento de auscultação junto do Povo de Deus em ordem à revitalização do tecido pastoral da Igreja em Portugal.

4.1. Foram muitos e todos igualmente importantes os contributos recebidos, que, depois de reunidos e compulsados, podemos sintetizar como segue:

4.1.1. Uma Igreja permanentemente em estado de oração, formação, renovação e missão, cada vez mais atenta a todas as pessoas e aos sinais dos tempos;

4.1.2. Uma Igreja mais dinâmica e participativa, discipular e missionária, próxima e acolhedora, ao estilo de Jesus, Bom Pastor, e das primeiras comunidades cristãs admiravelmente retratadas no Livro dos Atos dos Apóstolos (Atos 2,42-47; 4,32-35; 5,12-15);

4.1.3. Uma Igreja intensamente marcada pela prática da caridade fraterna, que não fique à espera das pessoas, mas que vá ao seu encontro;

4.1.4. Uma Igreja que se faça companheira de viagem dos jovens, sempre atenta aos seus sonhos, anseios e problemas, tendo em conta que os jovens procuram a Igreja, não para se divertirem, mas para alimentarem a sua vida espiritual;

4.1.5. Uma Igreja que sinta, viva, partilhe e se empenhe a ajudar a resolver os inúmeros problemas que hoje assolam as famílias;

4.1.6. Uma Igreja que busque sempre o empenho e a participação de todos, sacerdotes, consagrados e leigos, para juntos auscultarmos e seguirmos os rumos que Deus nos quiser indicar.

4.2. Estes elementos recolhidos e agora postos em realce viram-se verificados e confirmados pelo Inquérito levado a efeito pela Universidade Católica Portuguesa, sobre «Identidades Religiosas em Portugal – Representações, valores e práticas», que chamou a nossa atenção para uma crescente desafeição e quebra de laços de pertença à Igreja de uma parte da população portuguesa, com particular incidência nos jovens.

4.3. A recente realização do Sínodo dos Bispos, em Roma, pediu insistentemente um muito maior empenho, dedicação e carinho na transmissão da fé, mãos nas mãos, de modo a que nos tornemos cristãos convictos e credíveis, bem assentes sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (1 Coríntios 3,11). Pediu também um olhar novo, atento, comovido e evangelizador para este mundo que Deus criou e ama, e que é sua plantação diletta (Isaías 61,3).

4.4. Também não podemos descurar que os caminhos que agora se podem abrir à Igreja em Portugal, além do Sínodo dos Bispos, devem ter ainda em conta o contexto do Ano da Fé, do cinquentenário do Concílio Vaticano II e da caminhada para o centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima.

4.5. Considerado atentamente todo o processo e o seu enquadramento eclesial, a Igreja em Portugal, recebendo o Sínodo e os demais contributos elencados, pode empenhar-se em trilhar os seguintes rumos:

4.5.1. *Primado da graça e nova mentalidade*. Formar comunidades assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração, sabendo todos bem, pastores e fiéis leigos, que o essencial da vivência cristã e dos frutos pastorais na vida da comunidade não depende tanto do nosso esforço de programação e da multiplicação dos nossos passos e afazeres, mas sobretudo da transformação da nossa mente e da conversão do nosso coração operadas pela ação da graça de Jesus Cristo, que disse: «Sem mim, nada podeis fazer» (João 15,5). Neste sentido, requer-se a intensificação da oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, intensificar a celebração do sacramento da reconciliação, criar grupos de escuta e de partilha da Palavra de Deus;

4.5.2. *Comunhão para a missão*. Formar comunidades que sejam autênticas escolas de vivência da fé e da comunhão, gerando entre todos os seus membros laços de fidelidade, de proximidade e de confiança, que se traduzam no serviço humilde da caridade fraterna. É este o caminho para avivar o sentido de pertença à comunidade e para fortalecer os laços da comunhão, que é a primeira forma de missão, de acordo com a Palavra de Jesus, Bom Pastor: «Nisto todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (João 13,35). De acordo também com a forma de viver das primeiras comunidades cristãs;

4.5.3. *Missão de todos para todos*. Os dois rumos anteriores abrem necessariamente para um terceiro: a missão como empenho da comunidade toda e de todos os seus membros. Torna-se, de facto, necessário que todos os itinerários de catequese e de formação cristã assumam esta perspectiva missionária como elemento central quer a nível de conteúdos quer de método. Quer isto dizer que o chamamento à santidade, ao seguimento de Jesus Cristo, ao serviço na Igreja e à missão são uma única realidade a promover desde a iniciação cristã, continuando com os jovens, e envolvendo as famílias, os adultos, a comunidade inteira;

4.5.4. *Testemunhar a fé revitalizada*. Este processo de revitalização do tecido pastoral da Igreja em Portugal continua a requerer o envolvimento de todos os bispos, sacerdotes, consagrados e fiéis leigos, rezando e trabalhando lado a lado, para juntos sentirmos a alegria de sermos discípulos de Jesus Cristo, todos enviados e empenhados em fazer novos discípulos através da transmissão da nossa fé pelo testemunho de vida e pela palavra.